MEMÓRIAS DE MULHERES IMIGRANTES: SABERES E SABORES DE TRÊS GERAÇÕES DE BÚLGARAS BESSARABIANAS NAS CIDADES DO ABC PAULISTA

MEMORIES OF IMMIGRANT WOMEN: POPULAR KNOWLEDGE AND FLAVORS OF THREE GENERATIONS OF BULGARIAN BESSARABIANS IN THE CITIES OF ABC PAULISTA

Vilma Lemos[1]
Priscila F. Perazzo[2]
Pedro Canfora[3]

Resumo: Relacionou-se memória e patrimônio cultural a partir das narrativas orais de 14 mulheres de origem búlgara bessarabiana em três gerações. O objetivo é apresentar e analisar as narrativas orais dessas mulheres, considerando aspectos de sua cultura e trajetória de seus ancestrais pelo viés da memória, lembranças, vivências e sentimentos, de modo que tais registros se constituam em patrimônio cultural local. Tal proposta se justifica pela possibilidade em dar escuta a um grupo minoritário de imigrantes e descendentes, por meio da voz dessas gerações de mulheres. Ressaltou-se das narrativas temas como: vinda de imigrantes, aprendizado da língua e culinária. Como resultado, viu-se um painel de três gerações de mulheres ligadas por laços familiares e de seu grupo étnico cultural. A metodologia utilizada foi a das narrativas orais de histórias de vida, baseada nos métodos da História Oral.
Palavras-chave: Imigração; Memória; Patrimônio Cultural.

Abstract: Memory and cultural heritage were related based on the oral narratives of 14 women, of Bulgarian and Bessarabian origin in three generations. This text aims to present and analyze the oral narratives of these women, considering aspects of their culture and the trajectory of their ancestors, taking into account their memories, experiences and feelings. These records are constituted in local cultural heritage. The proposal is justified by the possibility of listening to a minority group of immigrants and descendants, through the voice of these generations of women. From the narratives, themes about the arrival of

[1]Doutora em Linguística Aplicada e docente aposentada da Universidade Municipal São Caetano do Sul (USCS). Pesquisadora do Grupo Memórias do ABC e associada ao Laboratório Hipermídias da USCS. E-mail: lemosvilma406@gmail.com.
[2]Doutora em História Social e Docente do Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público, PPGCOM, Universidade Municipal São Caetano do Sul (USCS). Líder do do Grupo Memórias do ABC e responsável pelo Laboratório Hipermídias da USCS. E-mail: prisperazzo2@gmail.com.
[3]Jornalista, Mestrando Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público, PPGCOM, Universidade Municipal São Caetano do Sul (USCS). Pesquisador do Grupo Memórias do ABC. E-mail: canforapedro@gmail.com.

immigrants, language learning and cooking it becames evident. As a result, it is possible to know a panel of three generations of women linked by family relationships and their cultural and ethnic group. The methodology used was oral narratives of life's history, based on the methods of Oral History.
Keywords: Immigration; Memory; Cultural Heritage.

INTRODUÇÃO

Os processos globais econômicos e políticos dos últimos trinta anos transformaram os processos de deslocamento e migrações que sempre existiram na história da humanidade. Os fluxos migratórios nos permitem ver diferentes interações culturais entre grupos, em diferentes momentos históricos. Nesse momento, não vemos os estrangeiros, imigrantes ou refugiados, de modo exótico ou, mesmo, imaginado. Convivemos no ecossistema urbano com essa diversidade, assistimos aos movimentos de deslocamento pelas mídias e experimentamos de modo coletivo uma nova convivência multi e intercultural.

As atuais gerações vêm enfrentando o desafio de construir suas referências coletivas nesse mundo global e o papel do patrimônio cultural possibilita esse enfrentamento, quando se preserva e se rememora as experiências das nossas ancestralidades culturais.

Desse modo, este texto tem como proposta pensar nas complexidades e multiplicidades das bordas que delimitam o patrimônio cultural num presente hipertecnólogico e hiperconectado, a partir da organização de um acervo de memórias hipermidiáticas dos diferentes grupos étnicos nas cidades do ABC Paulista, na região metropolitana de São Paulo.

Desde 2003, diante dos impactos desses processos globais, o Grupo de Pesquisa Memórias do ABC vem registrando narrativas orais de histórias de vida de moradores e ex-moradores das cidades do ABC Paulista, na região metropolitana de São Paulo. Atua como núcleo de pesquisas e laboratório de produções midiáticas sobre memória, comunicação e cultura. Além das entrevistas de histórias de vida, faz-se, também, coleta de imagens digitalizadas, na maioria fotografias, advindas das próprias pessoas que contam suas histórias. As investigações desenvolvidas no grupo proporcionaram a constituição de um acervo hipermidiático de memórias que foi chamado de HiperMemo. Os dados são provenientes de mais de vinte investigações realizadas por pesquisadores do grupo, desde a iniciação científica ao doutoramento, tendo a região do ABC como tema e a história oral como posicionamento teórico-metodológico. É composto por narrativas de cerca de quinhentas pessoas que contaram suas histórias de vida, gravadas em vídeo digital, compondo em torno de oitocentas horas de gravação. Detém, ainda, em torno de três mil imagens, chamadas de objetos.

As imagens e narrativas do acervo HiperMemo são organizadas de modo sistemático e comunicam a cultura e a memória dessa região. Inicialmente, é possível demonstrar que abarca quatro eixos temáticos da experiência local, agrupados em grandes temas como: 1. Cultura e arte; 2.

Trabalho, desenvolvimento e ativismos; 3. Formação regional e processos migratórios; e, por fim, 4. Processos urbanos e cidades (HELLER; PERAZZO, 2018, pp.126-127).

Nesse contexto de pesquisa, que se insere o tema desse texto, ao pensar a presença de imigrantes búlgaros, oriundos da Bessarábia, que chegaram ao Brasil em torno de 1926 e vieram a se estabelecer nas cidades do ABC, contribuindo para a formação e desenvolvimento local.

As histórias contadas pelos suportes da memória (imagens ou narrativas, como nesse caso) colocam em evidência um certo senso comum, uma forma comum de vida e um cotidiano reconhecível. Segundo o clássico estudo sobre patrimônio cultural, Antônio Arantes (1984, p. 26) já demonstrava, à época, que:

> "O conhecimento do senso comum constitui elemento importante para uma atuação que se proponha a atingir um público mais amplo possível, pois é reconhecendo o senso comum que podemos estabelecer uma comunicação com a população. "

Fazendo a distinção entre a noção de cultura como arte e erudição, dependente de saberes específicos, e a noção de cultura como conhecimentos e saberes comuns, do dia a dia e populares, Arantes (1984, p. 30) apresentou as primeiras ideias de patrimônio cultural intangível. A definição de patrimônio cultural depende do significado que o bem cultural possui para a população que dele deve se apropriar. No que diz respeito às populações subalternas da sociedade, que não são produtoras sistemáticas de arquivos organizados, a preservação da cultura material se faz de outra maneira: "produção cultural das camadas pobres não se arquiva e, portanto, uma vez produzida, pode ser rapidamente perdida. A memória popular é uma memória curta, exatamente porque depende da memória das pessoas" (ARANTES, 1984, p. 32).

Pensando nesses ensinamentos, o HiperMemo vem sendo constituído como uma plataforma digital, hipermidiática, de patrimônio cultural local, visando ao registro e à preservação desses saberes do senso comum da população das cidades do ABC.

A memória fornece-nos referências do passado, orientadas pelo presente, que orientam o futuro, ou seja, aprende-se ou lembra-se do passado interpretando-o no presente e projetando o futuro. Assim, a memória é a forma pela qual as pessoas se relacionam com o passado (PERAZZO, 2015). Esse passado evocado pelo presente não é o mesmo daquele constituído pelos eventos decorridos num tempo pretérito. É, antes, uma interpretação criativa e plástica que permite preencher a distância que medeia a experiência e a recordação, convertendo o passado em memória (PERALTA, 2007, p. 16).

A importância que ganha o acervo refere-se à formação de uma memória coletiva (HALBWACHS, 1990) que se constitui no conjunto das memórias individuais, ou seja, mesmo objetos e narrativas que não sejam parte da nossa própria história individual acabam por representar uma história vivida em âmbito coletivo e, por isso, são tratados aqui como patrimônio cultural constituído para essa

sociedade. É o mesmo papel desempenhado por museus ou bibliotecas pelos quais "entramos em contato com peças antigas ou atuais que correspondem ao cotidiano de uma cultura que pode ser a nossa ou de outrem". As imagens e narrativas estão ressignificadas pelos sujeitos que compartilham lembranças, identidades sociais e sentimentos de pertencimento ao mesmo local (SADO, 2020, p. 45).

PROPOSIÇÕES

Considerando a problemática anteriormente exposta, relacionando memória e patrimônio cultural, delimitando um grupo étnico e uma região, este texto tem como objetivo apresentar e analisar as narrativas orais das depoentes, considerando aspectos de sua cultura e da trajetória de seus ancestrais pelo viés da memória, lembranças, vivências e sentimentos, de modo que tais registros se constituam em patrimônio cultural local. Tal proposta se justifica pela possibilidade de dar escuta a um grupo minoritário de imigrantes e descendentes, por meio da voz das mulheres de três gerações.

BESSARÁBIOS, BÚLGAROS E OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS

Algumas explicações se fazem necessárias antes de discutir as questões culturais deste grupo étnico composto de imigrantes e descendentes de búlgaros bessarabianos com chegada no Brasil entre 1925 e 1926.

A Bessarábia já não existe mais porque, decorrente de dominações políticas, resultou no que atualmente são os países europeus Moldávia e Ucrânia.

> "Hoje, o território outrora correspondente à Bessarábia corresponde à metade oriental do Principado da Moldávia (1359-1859), pois sua porção sul passou a compor território ucraniano. Com o colapso da União Soviética, em 1991, a República Socialista Soviética da Moldávia tornou-se território independente, sob o nome de República da Moldávia, limitando-se a oeste com a Romênia e ao norte, leste e sul fazendo fronteira com a Ucrânia. " (PRAÇA, 2016, p. 41).

A então região da Bessarábia sofreu inúmeras dominações nas alternâncias de poder político: turcos, romenos, russos em diferentes momentos históricos. O Grande Império Búlgaro foi próspero entre os séculos IX e X (PRAÇA, 2016). No entanto, no curso da história, turcos dominaram a Bulgária de modo tirano por quinhentos anos, a partir de 1393. A libertação do jugo dos otomanos aconteceu por ação do exército russo em 1877. Oprimidos na sua cultura pelos turcos, os búlgaros iniciaram um processo de imigração para a região que seria conhecida como Bessarábia.

Durante a I Guerra Mundial, a Bulgária, na sua porção sul, foi dominada pela Romênia, cuja opressão e tentativas de desnacionalização levaram muitos a buscar novas aldeias onde pudessem manter sua identidade cultural.

> "A presença da população búlgara na Bessarábia, hoje, Moldávia, se fez, com características marcantes e com definitividade, há dois séculos, preservando a língua e os costumes, na medida em que os búlgaros bessarábios puderam, a partir de 1917, se opor e resistir à desnacionalização a que foram submetidos pela Romênia. " (COCICOV, 2005, 17).

O período migratório de famílias da bessarábia para o Brasil remonta ao ano de 1926, quando o Brasil e sua política de estímulo à imigração de povos da Europa se incrementou, com a finalidade de conseguir mão de obra para as fazendas de café, sobretudo no estado de São Paulo. Muitos vieram devido às precárias condições de vida na Bessarábia, quer por razões políticas, quer por razões mesmo de sobrevivência.

> "Nesse clima de completa aversão à presença espoliativa romena, a alta taxação de impostos, dificuldade de obtenção de terras para a lavoura e de alimentos é que prolifera a notícia de terras fáceis e falta de mão de obra agrícola, no Brasil e no Uruguaia, criando-se um ambiente para uma esperançosa emigração, não obstaculizada, em parte, pelo governo." (COCICOV, 2005. 39).

A propaganda feita no exterior repetia a exortação às benesses do país, divulgadas ao final do século XIX e no início do século XX, na qual realçava o clima quente do país, a oferta de moradias gratuitas e a disponibilidade de terras férteis. O governo brasileiro arcava com as passagens dos imigrantes (PRAÇA, 2016, p. 62).

Sob o jugo romeno no período e por resistirem a esse jugo, a Romênia facilitou a imigração para o Brasil dos búlgaros bessarabianos. Praça (2016, p. 62) registra isso.

> "A Romênia facilitou a imigração para o Brasil de búlgaros e seus descendentes nascido em território da Bessarábia, principalmente porque eram um povo que resistia à romenização e insistia em manter suas tradições, idioma e etnia. A política governamental romena disseminava maus-tratos a essa população, com o propósito de promover uma limpeza étnica que desse maior espaço aos romenos. "

Cocicov (2005, 40) também registra este êxodo dos búlgaros bessarabianos em 1926: "Por dados aproximados, somente para o Brasil partiram, nessa época, dez mil búlgaros bessarábicos, principalmente de famílias pobres. "

METODOLOGIA

Buscou-se o testemunho de catorze mulheres com laços na cultura búlgara bessarabiana para ouvir suas narrativas em relação às histórias familiares da imigração para o Brasil. A técnica utilizada, privilegiando as narrativas orais por meio de entrevistas, foi a da História Oral, também entendida como "uma metodologia de pesquisa e constituição de fontes..." (ALBERTI, 2005, p. 155). Ressalte-se que a história oral "é legítima como fonte, porque

não induz a mais erros do que outras fontes documentais e históricas".

Alessandro Portelli (1997, p. 15) define a História Oral como sendo "uma ciência e arte do indivíduo" e, embora trate de padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, a exemplo da antropologia e sociologia, delas se distingue pois:

> "Visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma. (...) A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer respeito a versões do passado, ou seja, à memória. " (PORTELLI, 1997, p. 15).

Tratando da História Oral e sua definição, Thompson (2006, p. 20) apresenta sua forma de a entender, quando lhe perguntam se a História Oral é um método, ou uma disciplina ou, ainda, um tema novo. A começar por considerar uma abordagem ampla, o autor considera que a história oral é "a interpretação da história e das sociedades e culturas em processo de transformação, por intermédio da escuta às pessoas e do registro das histórias de suas vidas. Pautando-se por essa posição, considerou-se aqui a História Oral como em todo o processo de produção de narrativas de três gerações de mulheres búlgaras e descendentes de imigrantes búlgaros, com origem na Bessarábia, no fluxo migratório de 1926 para o Brasil.

Entre 2017 e 2018, foram realizadas entrevistas de histórias de vida, sob a técnica das entrevistas em profundidade, com duração aproximada de uma hora. Essas mulheres narraram suas memórias, abrangendo aspectos da infância, adolescência e idade adulta. Essas narrativas orais de histórias de vida (PERAZZO, 2015) passaram pelo crivo do presente e devem ser compreendidas como interpretações do passado, movidas pela memória individual que também constituirão a memória coletiva deste grupo.

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Como afirma Halbwachs (1990, p. 51), o pensamento individual sustenta-se no coletivo. Dessa forma, quando cada indivíduo narra sua história de vida, apresenta um ponto de vista da memória coletiva. E, dependendo do lugar social de cada indívíduo, tem-se diferentes pontos de vista do narrado. Ao narrar, o tempo e o espaço da narrativa do depoente encontram-se com o do entrevistador. Para Bruner (1986, p. 4), neste momento, cognição, razão, sentimentos e expectativas se fundem. Como as experiências vividas nunca serão plenamente compartilhadas, será a interpretação e análise das narrativas que estarão em curso, tendo-se em conta que, quando se narra pelo viés da memória, ocorrem esquecimentos, silêncios, silenciamentos, partes do ato de rememorar.

Como afirma Couceiro (1996, p. 3), "lembrar nunca é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado". A memória, portanto, é elemento fundamental neste trabalho para entender a forma como cada depoente reflete sobre os acontecimentos sociais de um tempo e de sua vida, tendo em vista a etnia a que está atrelada no processo de identidade/identificação.

Das catorze mulheres, três são imigrantes, vindas da Bessarábia em 1926 com seus familiares. As demais são filhas e netas desse grupo étnico, nascidas no Brasil. Oito depoentes compõem as entrevistas da segunda geração e três são netas de búlgaros bessarabianos, pertencendo ao grupo da terceira geração de imigrantes. As idades dessas mulheres variaram de cinquenta e dois a noventa e quatro anos, considerando-se a data das entrevistas (2017 e 2018).

Destes depoimentos, dez foram gravados em vídeo, três mulheres foram entrevistadas em suas casas, sem gravação, e uma foi entrevistada por telefone.

O que se apresenta aqui das mulheres da primeira geração, nascidas na Bessarábia, serão recortes dos depoimentos referentes ao processo de adaptação à nova terra, às barreiras do idioma, à culinária, às festas e comemorações. Em relação às entrevistadas das segundas e terceiras gerações, nascidas no Brasil, alguns desses aspectos poderão surgir pela memória dos relatos ouvidos de seus ancestrais. Também as tradições, a culinária e comemorações serão enfocadas. Ou seja, aspectos da cultura búlgara bessarabiana que ecoam ainda, mesmo passados noventa e três anos da vinda desses imigrantes, na memória das descendentes.

Tais experiências da vida cotidiana, saberes do senso comum e relatos de práticas culturais significam um conjunto organizado de patrimônio cultural intangível. Consideram-se essas lembranças como constituintes do patrimônio cultural desse grupo étnico em específico, tanto quanto do patrimônio cultural das cidades do ABC, uma vez que essas pessoas são constituintes desse ecossistema urbano das cidades, pois são gerações de famílias que participam, ainda, do desenvolvimento e da memória local.

TRÊS GERAÇÕES DE MULHERES BESSARÁBIAS

As pioneiras: a chegada das imigrantes

Achilina, Catarina e Elena são búlgaras bessarabianas que saíram da região com seus pais em busca de melhores condições de vida. Elena tinha dois anos e Achilina, três. Tanto para Elena quanto para Achilina, a imigração se deu devido ao domínio romeno e sua política pouco amigável. Os pais de Catarina foram primeiro para o Uruguai e só em 1938 vieram para o Brasil, porque a plantação que tinham nesse país foi devorada por gafanhotos. Chegara ao Uruguai com dois anos e no Brasil com quinze anos. Como essas imigrantes eram muito pequenas quando os pais aportaram na América, é evidente que os relatos provêm memórias familiares ouvidas e reconstruídas durante as entrevistas. Elena narra a motivação da saída dos pais, tão

jovens naquele momento, entre vinte e seis e vinte e nove anos.

> "Na época que a Romênia pegou o lugar ali, Valia Perjei, que antes era da Rússia, né, então, ninguém gostou da Romênia. Porque a Romênia fez o exército, o rapaz que servia o governo, 5 anos e não pagava nada para o rapaz. Aí, ele saía de lá com 25 anos, que tinha que ir com20 anos, e saía com 25, chegava sem profissão, sem nada e o romeno foi explorador, quando ele pegou o lugarejo lá...então o povo veio embora por causa dos romenos...era um mau governo... Era imposto, eu ouvia falar assim, né? Pagar imposto... quantas galinhas você tem, quantos cavalos você tem, você tem quantas vacas...? tudo tem imposto, até o cachorro..."

Com os pais de Achilina vieram também o avô viúvo e seu filho de catorze anos. Todos eram trabalhadores do campo.

> "Aconteceu que, quando entraram os romenos, eles destruíram tudo. A minha tia e meu avô não estavam em casa, a minha avó foi raptada de lá, levada embora e acharam ela depois de 15 dias, morta, embaixo de uma ponte e o meu tio, que era filho dela, acharam ele no meio da rua, que a vizinhança que estava cuidando. Ninguém podia cuidar muito um do outro, porque era essa confusão da guerra lá. "

Na família de Catarina, a tragédia dos gafanhotos assolou a plantação de trigo da fazenda no Uruguai e os imigrantes decidiram partir para Montevidéu e, depois, para o Brasil.

> "(…) lá tinha um despachante que estava tratando, tinha imigração no Brasil e ele estava tratando de quem queria ir para o Brasil. Meu pai soube e se inscreveu. Foi assim que nós viemos para no Brasil. Porque esse despachante estava em Montevidéu e o Brasil estava precisando de imigrantes para os cafezais, tanto que nós viemos como imigrantes para trabalhar no café. Ficamos na imigração três dias e de lá fomos levados para a fazenda Mumbuca. "

Como se pode notar, todos os relatos dessas imigrantes apresentam as guerras e a opressão de dominadores como fator determinante para procurarem outro lugar onde pudessem viver melhor.

Os relatos de Elena e Achilina se aproximam no que se refere à aprendizagem da língua portuguesa, embora Elena somente tenha se alfabetizado aos 18 anos. Ainda que fosse difícil o idioma para os adultos da família, que acabavam se agrupando nas colônias com outros patrícios para conversar, com as crianças era um pouco mais fácil, já que se juntavam nas brincadeiras com as crianças nativas. Achilina conta:

> "Tinha colonos, só os patrícios se juntavam para conversar nos domingos e sábados. Eles faziam reunião na frente da igreja. (...) Com outras crianças, porque na Colônia sempre tinha bastante filhos bastante crianças. Todo mundo tem filhos. E a gente aprendeu assim, não aprendeu na escola não. Aprendeu popular."

Catarina frequentou escola no Uruguai, alfabetizando-se em espanhol:

> " (...) quando fomos chamados na escola, tivemos de aprender o castelhano, mas a gente já ia aprendendo aos poucos porque tinha uns vizinhos uruguaios e a gente tinha amizade e assim começamos a aprender aos poucos. "

A culinária típica tem espaço garantido e destaque nas narrativas das entrevistadas. A lembrança recorrente da tradição culinária entre elas é de um prato chamado *milina*, feito com uma massa muito fina, assada e recheada ou com queijo ou com abóbora, servido no Natal e Ano Novo. Segundo Achilina,

> " É uma massa que fica fininha que nem papel. Até [meu filho] aprendeu já. E a minha neta também, eu ensinei. Então a gente faz a massa, põe na mesa e estica até ficar uma folha redonda. Depois passa um pouco de óleo por cima, aí você estica assim para o alto assim, com a mão, é toda trabalhada na mão. É difícil de fazer. E a minha mãe fazia e ensinou, eu aprendi com a minha mãe. Ainda ontem eu falei para [meu filho]: "Engraçado, eu aprendi a fazer milina olhando a minha mãe fazer, porque ela não deixava encostar. É porque criança, né? (...) Queijo fresco. Então estica assim, põe o óleo um pouco e espalha o queijo fresco e enrola, aí faz aquela rodela assim e põe na forma e põe para assar e rega um pouquinho de óleo por cima para não queimar. É uma delícia! "

Elena também menciona a *milina tikuine*, feita de abóbora:

> "É um tipo de folhado. A gente faz como a massa de pão. Abre com o rolo a folha fininha e passa um pouco de óleo e põe doce de abóbora, abóbora cozida já bem feita, põe canela e joga a outra folha em cima e vai franzindo ela pra que caiba naquela assadeira. Joga um pouco de óleo por cima e assa."

A *milina* também é mencionada por Catarina, com um diferencial: na família dela, comia-se todo dia, talvez porque tivessem um poder aquisitivo mais elevado.

> "Você já ouviu falar de strudel? Aquela massa fina? Punha aquele requeijão que ela fazia, fazia com requeijão, não era com queijo, era requeijão. Fazia, enrolava e assava. Bom, aquilo se fazia toda semana, porque se fazia pão em casa, então a gente tinha que comer milina praticamente todo dia, levava até na escola. "

Na família de Catarina, no Natal, comiam frango assado, *patchá*, que é uma comida com nome búlgaro, uma geleia salgada feita com retalhos de carne de porco, músculo de boi, temperos. Além disso, comiam ensopado búlgaro, repolho curtido, queijo, requeijão, manteiga feita pelo pai.

> "Iogurte não faltava na minha casa, isso era de manhã, antes de ir para a escola, já tinha que tomar uma taça de iogurte, chegava às quatro horas, era outra taça de iogurte, quer dizer, eu fui alimentada muito com

> iogurte, muito mesmo, tanto é que até hoje eu não tomo remédio, não tomo nada. “

As três senhoras mais idosas abriram as narrativas contando sobre os motivos da imigração e os primeiros enfrentamentos relacionados à língua e aos hábitos culinários. Na sequência, filhas e netas passam a relatar como foram suas apropriações culturais dessas práticas advindas das famílias de imigrantes.

Entre o presente e o passado: as lembranças das filhas de imigrantes

As histórias a seguir são narradas por Sônia, Márcia, Annita, Rosa, Lídia, Enelcina, Marina e Maria. Oito mulheres nascidas no Brasil, com ancestrais búlgaros e idades entre sessenta e sete e oitenta e cinco anos, que relembram memórias familiares e sua cultura.

Márcia, filha de mãe búlgara da Bessarábia, conviveu com a avó materna até os oito anos de idade. Annita e Rosa são filhas de Trifon e Penna, que emigraram para o Brasil em 1926. Elas contam que os pais foram para uma fazenda em Pirajuí, no interior do estado de São Paulo. Annita informou que foi a invasão da Bulgária pelos romenos que determinou a imigração de seus antecedentes.

Lídia disse que os pais, Pedro e Achilina também vieram em 1926 para o Brasil, para uma fazenda em Ourinhos (SP), devido à situação crítica da Bessarábia. Enelcina é filha de Miguel, búlgaro gagaúzo e Antônia, descendente de italianos. O casal se conheceu numa fazenda da região da Sorocabana. A Gagaúzia era uma região autônoma da Moldávia, cujos habitantes, segundo uma das versões da história, eram descendentes de tribos nômades turcas, adeptas do Cristianismo (PRAÇA, 2016, 42).

Maria é filha de Jorge e Theodora, agricultores que vieram da Bessarábia com os respectivos pais. Ela é a segunda filha entre catorze filhos. Seus pais se conheceram no Brasil e se casaram. Os pais contavam que a vinda para o Brasil deveu-se às promessas de terras para plantar e outras vantagens que não se concretizaram.

O pai de Marina nasceu na Bessarábia, mas a mãe, Xênia, em Lyon, na França. Marina contou que, com a dominação romena na região da Bessarábia, os impostos eram muito altos, a situação tornou-se muito difícil, por isso o pai decidiu vir para o Brasil.

Sônia, filha de Julio e Anna, búlgaros bessarabianos, explica a razão da vinda da família de ambos para o Brasil em 1926, devido à dominação romena na Bessarábia.

> “Aquele processo que ocorreu em 1926 nada mais foi do que uma limpeza étnica (...) eles não queriam búlgaros, assim como eles não queriam judeus, assim como eles não queriam alemães. “

Neste grupo de mulheres, nascidas aqui no Brasil, mas ainda com influências marcantes dos pais, há variedade de informações em relação à língua dos ancestrais. Para algumas, ainda se conversava em búlgaro em suas casas, enquanto para outras a preservação da língua foi se diluindo no tempo.

Lídia e Annita relatam que suas mães eram analfabetas em português, em casa falavam búlgaro. Marina disse que, na sua casa, só falavam búlgaro: *"*Os búlgaros são tudo para mim, marcam minha vida, mesmo tendo nascido e vivido aqui no Brasil". A vivência de Enelcina com a língua búlgara é nula. Para ela.

> "Nem italiano, nem búlgaro, mais ou menos assim, italiano porque a mãe sempre fala com a filha e já puxa a língua [dela]. Agora, meu pai...não sei uma palavra. Não, sei uma palavra só...duas. Da minha mãe sim, sabia falar assim com a minha avó, convivi com minha avó italiana, então ela falava só italiano..."

Márcia conta que sabia algumas palavras de ouvir a mãe conversar com a avó, mas falar não sabe. Atribui isso também ao fato de o pai ser italiano. Segundo ela, *"o italiano, quando vê duas pessoas conversando em outra língua,* [acha que] *é uma conspiração".*

Maria conta que, no início, por dificuldades de comunicação, pois os pais só falavam búlgaro, quando queriam comprar frango, por exemplo, agitavam os braços e cacarejavam para se fazerem entender.

Em relação à tradição culinária, as entrevistadas destacam pratos como a *mamaliga* (polenta acrescida de ricota fresca, manteiga, finalizada com creme de leite), *kacha* (geleia salgada feita com pé e orelha de porco e músculo de boi), *milina* (massa muito fina, recheada com queijo ou abóbora), *piruski* (massa doce, frita), feitos pelas avós e pelas mães.

Devido à influência de outras culturas com que entraram em contato no Brasil, muitas mães imigrantes faziam outras iguarias, relembradas pelas filhas, como quibe, tabule, lasanha, *minestrone* (sopa), além daquelas da tradição búlgara.

Marina ressalta a importância das tradições familiares para ela:

> "Os búlgaros e suas tradições representam muito para mim. Participo das reuniões dos descendentes, ainda faço comida típica (...). Canto e danço como os búlgaros da tradição de meus pais. "

Sônia destaca um costume em relação ao registro de nascimento dos ancestrais. Não se tinha o hábito de registrar a criança, ao nascer, no cartório. Atribuía-se o nome no momento do batismo na igreja, por isso se chamava "nome de batismo". A igreja oferecia um documento que cumpria a mesma função da certidão de nascimento civil, registrada em cartório, como nos nossos dias. Essa "certidão de nascimento" do seu pai foi expedida em 1911, ano do nascimento. Esse documento existe até hoje, escrito em romeno. Embora em precárias condições de legibilidade pela ação do tempo, é o documento que a família preserva como patrimônio pessoal.

A constituição do patrimônio cultural: as tradições entre as netas

Entre netas de imigrantes, formando a terceira geração de descendentes de búlgaras no Brasil, foram

entrevistadas Ana Maria, Stael e Roseli. Roseli tem, por parte de mãe, ancestrais gagaúzos, de origem turca.

Ana Maria lembra que os avós Constantino e Maria se conheceram no navio e se casaram no Brasil. Vieram para cá movidos pelas promessas de melhores condições de vida, mas foram levados para abrir estradas em Mogi das Cruzes, na estrada de Itaiaçupeba:

> "Vieram para o Brasil porque diziam que prometeram muitas coisas e eles acreditaram que ia acontecer, que eles iam ficar ricos aqui, porque prometiam terras e tudo, e eles queriam, porque [era] na época da guerra..."

Em relação à culinária, Roseli lembra que, por ter pouca clareza de suas identidades na época, a família dizia que a comida feita em casa era comida russa.

> "Como eu vim a saber só com 49 anos dessa nossa origem da Bessarábia, que Bessarábia não fica na Bulgária, para generalizar todo mundo era russo, agora que a gente está estudando mesmo a nossa origem, então minha mãe fazia essas comidas russas, borsch, que era aquela sopa de beterraba com punha costela fazia um caldo de costela, repolho e, depois, a gente jogava creme de leite...era muito bom. Vareniki, que era um pastelzinho, uma massa tipo ravióli, recheado de batata com um pouquinho de queijo e depois joga creme de leite (russo adora creme de leite) e com muito toucinho e cebola por cima...tem aquele, salmá, que ele fala que é o charuto, só que não charuto da Arábia, que é aquele charutinho pequenininho assim [faz o gesto], é um charutão desse tamanho [faz o gesto] assim, ó! E aquela... a milina que é que nem um strudel, aquela massa de strudel, estica bem na mesa inteira e vai amassando e põe recheio salgado de queijo, creme de leite ou recheio doce, de abóbora. Fica uma delícia!"

Roseli menciona, ainda, o *patchá*, mas ela não tinha vontade de comer, mesmo vendo o avô comer com muito prazer.

Ana Maria gosta muito do sabor da culinária búlgara. Aprendeu com a avó e pratica até hoje em família. Destaca vários pratos como: *buschi, kiziluseli, milinka*, *tukimanik, patchá*. Lembra que, na Páscoa, a avó cozia e tingia ovos naturais com suco extraído de beterraba, espinafre, cebola, chá etc., de modo a ficarem com as cascas coloridas. Também lembra que a avó assava carneiro nos casamentos das tias, em forno de tijolos feitos por ela.

> "Nos casamentos das minhas tias, eu lembro, minha avó fazia forno para assar os carneiros, eles usavam fazer comida de carneiros com trigo, carneiros, tudo...usavam muito carneiros. Eu vivenciei essa parte que eu achei muito bonito. Eu ajudei ela fazer forno."

Os ovos coloridos eram distribuídos para o ritual da Páscoa entre os familiares reunidos em torno da mesa e, a partir do mais velho, no caso, o bisavô de Ana, que quebrava um ovo e repetia três vezes *Hritós Vaskrãvane*, cujo significado é "Cristo ressuscitou" ou "Cristo com você". Assim o ritual se repetia até chegar aos mais novos.

Stael conta sobre as práticas culinárias da avó Anna e elenca, dentre outras iguarias, os pães e o *guchki*.

> "(…) minha avó sempre fazia o que eu tenho na lembrança até hoje, o que a gente chama de panetone, seriam os pães trançados, eu lembro que ela decorava eles com fitas, com celofanes, ela presenteava as pessoas com isso. (...) Eles usam muito, nessa região [Bessarábia], conserva de pepino, de coisas bem azedas, vamos dizer assim, cítrico, que eles consomem muito. Uma outra coisa que eu me lembro que eles faziam muito em época de festas é o que a gente chama de guchki, tem certas regiões que eles falam charuto, que é o arroz temperado ou ele é embrulhado em folha de repolho ou folha de uva. "

Em relação ao idioma dos avós, Stael lembra que as tias e os avós conversavam em búlgaro em casa, mas, quando havia gente de fora, não, porque a avó dizia que era um desrespeito: "minha mãe conta que, depois que ela e minha tia começaram a namorar, foi diminuindo a frequência de usar o idioma, porque tinha gente de fora...". Ela conhece apenas algumas palavras. Assim também acontece com Ana Maria que aprendeu "algumas besteiras, coisinhas assim que eram besteiras (..) alguma coisa eu entendia também, mas não sabia responder". Isso porque os avós, com quem conviveu, tinham receio de falar búlgaro e serem deportados.

É de Stael a lembrança de se rezar uma missa quarenta dias após o falecimento de uma pessoa: "... a tradição é que, depois dessa missa, a família da pessoa que faleceu ofereça um jantar ou almoço".

Como se pode notar, o uso da língua dos avós nesta geração acaba por se diluir, pois quase não comentam sobre as falas em búlgaro ou explicitam que não falavam mais. No entanto, as práticas culturais da culinária continuam presentes e marcantes na memória das netas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Relembrando Paulo Freire, em entrevista ao Museu da Pessoa em São Paulo, em 1992: "As memórias de mim mesmo me ajudaram a entender as tramas das quais fiz parte"[4].

Esse texto, cuja proposta teve como objetivo apresentar e analisar narrativas orais de histórias de vida de três gerações de mulheres descendentes de búlgaras bessarabianas, imigrantes para o Brasil, considerando aspectos de cultura, imigração e memórias, de modo a constituir um acervo de patrimônio cultural, pode ser um elemento a mais para reflexão da importância dessa etnia na construção de suas identidades, das cidades do ABC e da nação brasileira, considerando que a maioria dos que emigraram veio para trabalhar em fazendas de café e abrir estradas, conforme alguns relatos, tendo em conta suas memórias familiares.

[4]Essa entrevista com Paulo Freire foi gravada no evento *Memória Oral do Idoso,* uma oficina realizada pela Secretaria de Estado da Cultura, por intermédio da Oficina Cultural Oswald de Andrade, reunindo historiadores, jornalistas, psicólogos e outros interessados em aprender a metodologia de história oral desenvolvida pelo Museu da Pessoa, 1992.Disponível em: www.museudapessoa.net/.

Da leitura dos depoimentos, nas três gerações, destacam-se como lembranças as formas de imigração dos antecedentes. Fica registrado nas memórias que tiveram de vencer muitas barreiras para se estabelecerem no novo país. Muitas famílias acabaram deixando ou fugindo das fazendas e do trato opressor e vieram para São Paulo (Mooca, Vila Zelina) e ABC paulista. Outras, como a família de Ana Maria,

Muitas famílias buscaram se estabelecer onde já viviam outros parentes ou imigrantes de culturas próximas. A igreja, tanto a Ortodoxa, quanto a Batista, também foi um ponto de reunião e apoio para essas famílias.

Mas está nas lembranças culinárias a articulação entre as três gerações. O que permaneceu nas práticas culturais foi aprendido como saberes familiares. Esses saberes constituem-se em patrimônio a partir das lembranças narradas dos diversos pratos de comida búlgara e suas receitas, expressão marcante neste grupo que atravessa três gerações.

Em relação ao idioma, sua importância e característica de identidade comparece no discurso narrado. No entanto, o aprendizado da língua de origem dos ancestrais se perde pelas gerações seguintes. Muitos fatores, internos e externos às famílias podem explicar a diluição do idioma de origem nas gerações. Desde a necessidade de conviver com outros imigrantes e com os brasileiros, até o medo, imaginário ou não de alguns imigrantes, que temiam falar búlgaro e serem deportados, considerando determinados momentos em que a política repressiva aos imigrantes atingia suas práticas culturais, sobretudo a língua.

É inegável que, dentre as mulheres da segunda e terceira gerações, a memória dos ancestrais e suas histórias permanecem vivas e a busca da preservação do patrimônio cultural uma atividade incessante entre elas. Sônia é fundadora, em 1976, junto com seu pai Julio, da Associação Búlgara no Brasil, que atua desde então em ações que deem visibilidade às histórias e às memórias desses imigrantes da cultura búlgara e bessarabiana. Todas elas, a seus modos, participam desse processo de preservação cultural. Atualmente, Ana Maria Barbosa é a atual presidente da associação.

Com suas narrativas, essas mulheres reconstruíram suas experiências do passado pelo viés da memória, configurando uma identidade coletiva comum a partir de suas narrativas individuais e contribuíram para a constituição do patrimônio cultural, tanto de suas famílias, em dimensão individual e privada, quanto do ecossistema urbano das cidades do ABC, numa dimensão social e coletiva, de comunicação de interesse público. Encerrando com Paulo Freire: se as memórias das pessoas ajudam a entender as tramas das quais essas pessoas fizeram parte, são as tamas das quais as pessoas, no seu coletivo, fazem parte, que tecem o tecido do patrimônio cultural desse grupo, dessa sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ARANTES, Antonio. *Produzindo o passado: estratégias de construção do patrimônio cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRUNER, Edward. Ethnography as narrative. In: TURNER, V.; BRUNER, E. (org.). *The Anthropology of Experience*. Urbana: University of Illinois Press, 1986.

COCICOV, Jorge. *Imigração no Brasil*: *búlgaros e gagaúzos bessarabianos*. Ribeirão Preto: Editora Legis Summa, 2005.

COUCEIRO, Sylvia. Os desafios da história cultural. In: BURITY, Joanildo A. (org.). *Cultura e identidade*: *perspectivas interdisciplinares.* Rio de Janeiro:DP&A, 2002.

FREIRE, Paulo. Entrevista gravada na oficina *Memória Oral do Idoso,* realizada pela Secretaria de Estado da Cultura, por intermédio da Oficina Cultural Oswald de Andrade, reunindo historiadores, jornalistas, psicólogos e outros interessados em aprender a metodologia de história oral desenvolvida pelo Museu da Pessoa, em 1992. Acesso digital: www.museudapessoa.net/

HALBAWCHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HELLER, Barbara; PERAZZO, Priscila F. *Histórias fragmentadas nas memórias do ABC Paulista.* Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia, v. 6, Sorocaba (SP), Nº 11, p. 124-140, mai. 2018. Acesso digital: file:///C:/Users/Priscila/Downloads/3057-Texto%20Original-7545-4-10-20180506.pdf

PERALTA, Elsa. *Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica.* In: Arquivos da memória. Antropologia, Escala e Memória. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa. Nº 2 (nova série) 2007. Acesso digital: http://www.fcsh.unl.pt/revistas/arquivos-da-memoria/ArtPDF/02_Elsa_Peralta[1].pdf

PERAZZO, Priscila F. *Narrativas Orais de Histórias de Vida*. In: Comunicação & Inovação, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, v. 16, n. 30 (121-131) jan-abr 2015. Acesso digital: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2754/167

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, v. 5, no. 10. Rio de Janeiro, 1992.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral.* Projeto História*,* PUC-São Paulo, nº 15, p. 13-49, 1997. Acesso digital: https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11215/8223

PRAÇA, Neide de Souza. *Imigrantes da Bessarábia*: *jornada em terras tropicais*. São Paulo: All Print Editora, 2016.

SADO, Flavia Vasconcellos Protta. (2020). *Comunicação e consumo de vestígios e promessas: estudo da Coleção Nº 1, suas lógicas de produção e de arquivo*. Dissertação. Mestrado em Comunicação e Práticas do Consumo, ESPM, São Paulo.

THOMPSON, Paul. *História de Vida como Patrimônio da Humanidade.* In: WORKMAN, K.; PEREIRA, J.V. História falada: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. Acesso digital: www.museudapessoa.net. Acesso em: 7 de abril de 2019.

FONTES ORAIS

Achilina Carabadjac Duque, para Vilma Lemos, aos 94 anos. SBC, 2017. Acervo HiperMemo.

Ana Maria Barbosa Sibov para Vilma Lemos, aos 70 anos. Mogi das Cruzes, 2018. Acervo HiperMemo.

Annita Noel/Noeff Manzano para Vilma Lemos, aos 71 anos. SP, 2017. Acervo HiperMemo.

Catarina/Ekatherina Yalamov Covaci para Vilma Lemos, aos 94 anos. SA, 2017. Acervo HiperMemo.

Elena Milosev para Vilma Lemos, aos 93 anos. SP, 2017. Acervo HiperMemo.
Enelcina Peff Stainoff para Vilma Lemos, aos 81 anos. SCS, 2017. Acervo HiperMemo.

Lídia (Liba) Ganev Yalamovpara Vilma Lemos, aos 81 anos. SP, 2018. Acervo HiperMemo.

Márcia Vairoletti para Vilma Lemos, aos 66 anos.SP, 2017. Acervo HiperMemo.

Maria Donev dos Santos para Vilma Lemos, aos 87 anos. SCS, 2018. Acervo HiperMemo.

Marina Volcov para Vilma Lemos, aos 85 anos. SP, 2018. Acervo HiperMemo.

Rosa Noeff Papa, para Vilma Lemos, aos 78 anos. SCS, 2017. Acervo HiperMemo.

Roseli Stainoff para Vilma Lemos, aos 57 anos. SCS, 2017. Acervo HiperMemo.

Sônia Dimov para Vilma Lemos, aos 71 anos. SCS, 2018. Acervo HiperMemo.

Stael Dimov Zanelatto Acquaviva para Vilma Lemos, aos 52 anos. SA, 2018. Acervo HiperMemo.